

História e memória na formação de identidades no Castainho: busca de significados aos quilombolas em Garanhuns-PE

Maria Giseuda de Barros Machado *

Resumo

Este trabalho teve como objetivo compreender a formação de identidades na Comunidade Castainho, nos seus múltiplos significados, considerando sua inserção na história de quilombos, com estudos na expansão palmarina, no Agreste de Pernambuco, na região de Garanhuns. Na metodologia foram utilizados relatos de memória de seus membros em que revelam tênues fronteiras com a história. A análise permitiu revelar implicações nas suas identidades culturais, que por sua vez também são impactuadas, com diferentes (re)interpretações atribuídas ao ser negro na contemporaneidade. Nesse espaço, os quilombolas continuam a reivindicar o seu papel inclusivo, socialmente, na perspectiva de serem percebidos na valorização de sua humanização nas relações étnicas que se processam através de lutas coletivas, além do caráter individual.

Palavras-chave : Identidade; memória; quilombola

Histoire et mémoire dans la formation des identités dans Castainho: recherche de sens dans le quilombo Garanhuns-PE

Résumé

Cette étude visait à comprendre la formation des identités dans la Communauté Castainho dans ses multiples significations, alors que son insertion dans l'histoire des quilombos avec études à l'expansion Palmarini, Agreste de Pernambouc, dans la région de Garanhuns. Des rapports ont été utilisés dans la méthodologie de ses membres, en mémoire de subtiles qui montrent des frontières avec l'histoire. L'analyse a permis de révéler de ses implications pour l'identité culturelle qui, en retour, sont également à différents impactuadas (ré) interprétations attribuées à être de couleur noire contemporaine. Dans cet espace, le quilombo de continuer à revendiquer son rôle inclusive, socialement, dans la perspective d'être perçu par la valorisation de son humanisation dans les relations ethniques, qui sont effectuées par le biais de luttes collectives, en plus de caractère individuel.

Mots-clés: Identités; mèmóire; quilombo.

Introdução

No bojo da pesquisa, este artigo envolve a Comunidade Negra Castainho no Município de Garanhuns (PE), de forma que pretendo discutir novas dimensões que vêm na construção de novos significados nessa trajetória voltada à temática do negro no Brasil, com especificidade na Região de Garanhuns no trato de quilombolas entre histórias e memórias.

* Prof^a de História da Universidade Pernambuco –UPE. Mestra em Educação.

O texto traz como proposta central anunciar novos significados tecidos no pertencimento étnico de membros do Castainho, na perspectiva de compreender sua (res)significação e identidades culturais evocadas por seus membros que se (re)afirmam no espaço cultural de negros, de maneira que a História oral se constitua como fonte, como uma das modalidades dos Estudos Qualitativos, através de entrevistas gravadas, contatos diretos com representantes da Comunidade, considerando que os sujeitos sociais são “ seres de memória, de cultura e de história” (TEIXEIRA & PRAXEDES In: VISCARDI&DELGADO, 2006, p. 156). Na História oral também há encontro com a subjetividade, no diálogo, com tudo aquilo que é denso e ao mesmo tempo profundamente humano.

A opção por Castainho se fez na busca de uma Comunidade bastante antiga no Agreste Sul de Pernambuco, já registrada em obras de historiadores como Dias (1954), Freitas (1986) e Monteiro (1985), como antropóloga. Contudo, o enfoque étnico, identitário, neste trabalho vem se diferenciar um pouco dos autores citados, de modo que se considerou neste contexto o fato de ser na Região a única Comunidade que detém o título de domínio das terras como Remanescentes de Quilombos do ano 2000, concedido pelo Ministério da Cultura, emitido na época através da Fundação Cultural Palmares.

Por sua vez, quilombo, *kilombo*, foi ritual da sociedade de guerreiros africanos, identificados como “jagas”, falantes do “kibundu” do Norte de Angola (GOMES In: PINSKY, 2003). Na contemporaneidade brasileira com a Constituição Federal de 1988 o termo quilombo, remanescentes de quilombo, constituem termos jurídicos, de maneira que também ficaram vistos como quilombolas os seus habitantes no país, alcançando a ressemantização do termo quilombola e sua presença na contemporaneidade.

A atuação de Castainho, como grupo de quilombolas, foi presente com lutas mais incisivas, frente à especulação imobiliária na medida em que Garanhuns se aproximava mais urbanisticamente da Comunidade. O título foi concedido, no entanto com a ausência de providências que trouxessem a retirada de ocupantes particulares da área, e o pagamento de indenizações. Neste sentido, é constatado também pela Comissão Pró- Índio de São Paulo – CPISP (2008), que há procedimentos novos de titulação em processo no INCRA.¹

A identidade ao ser reconhecida como histórica (MUNANGA, 2003), no caso dos africanos e seus descendentes tem sido posto nessa área de estudos que os descobrimentos com a colonização da África foram geradores de profundos impactos trazidos para a vida

¹ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária , vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário –MDA, contemporaneamente.

humana desses povos. Nesta visão, a identidade do negro nos diferentes espaços sociais tem manifestado sua cultura nas mediações simbólicas, com uso que faz da linguagem, de modo a viver diferentes formações sociais, nem sempre com relações que trazem à vida os direitos de maneira igualitária.

A memória, por sua vez tem sido uma espécie de chave na contemporaneidade, (DIEHL, 2002,) assim como a identidade, em que neste entendimento decorreu a nossa escolha. Assim também a memória possui contextualidade, o que a torna possível de ser atualizada historicamente (Op. cit. 116).

No entanto, é presente a necessidade de todos serem reconhecidos ao se falar de identidade. Jacques D'Adesky (2001) nos afirma que a identidade vai tratar do outro e ainda dos desejos que outros manifestam. Assim, junto à compreensão histórica, a identidade como categoria científica é pessoal social e política.

Por sua vez, a identidade constrói-se no seio da cultura, indo em busca de valores que se diferenciam. Teodoro (In: LOPES, 1995) e Nascimento (2001) ao criticarem um dos indicadores postos racialmente, que é a cor da pele, interpretam que o negro não pode ser percebido pela epiderme e sim por uma grande reformulação de valores, uma vez que muitos já existentes não respondem aos seres humanos de forma positiva,. Assim, a identidade coletiva também não vai ancorar-se na cor da pele e, sim, com base nos laços familiares, na história de origem comum com os povos africanos.

1.A comunidade em movimento

A vida comunitária dos negros na Região, historicamente, remete à expansão palmarina, desde o século XVII, quando Moura (1998) já registrava a formação de outras diásporas. Na área que então correspondera ao atual espaço urbano de Garanhuns, os grupos de negros foram considerados impeditivos à presença de portugueses, de modo a incidir maior resistência à construção de casas por esses europeus, na iniciativa de uma povoação que marcasse inicialmente a sede de uma fazenda em Garanhuns. Por outro lado, Domingos Jorge Velho com o seu grupo veio a instalar-se durante quase onze meses na área do Sítio Paulista², até combater e afastar os grupos de insurretos, conforme é atribuído por Cavalcanti (1998). Não obstante, a perseguição aos negros com suas presenças em Garanhuns e seu entorno foi incessante.

² A denominação atribuída ao sítio vincula-se à presença do paulista bandeirante na área no século XVII ,por volta de 1694.

Neste quadro, em séculos posteriores outras Comunidades se formaram ou se reagruparam, visto que habitantes vão deslocar-se para novas áreas, decorrentes de tomadas de terras por brancos, busca de trabalho, motivos amorosos e a perspectiva de fortalecimento de novos convívios. Nos finais do século XIX, com a Abolição, segundo registros orais de mais velhos, ouvidos por mim em conversa com um dos membros da família Miranda da Comunidade houve deslocamento de ex-escravos, vindos de áreas mais ao Sul de Pernambuco, Norte de Alagoas, das proximidades de Correntes (PE), que se integram às Comunidades do Agreste de Pernambuco, cujos descendentes na atualidade fazem parte desse conjunto de 120 Comunidades levantadas em todo o Estado.

Enquanto percebido numa visão social, o conceito de comunidade, em Bauman(2003), este dirá que a “comunidade produz uma sensação boa por causa que a palavra carrega. É um lugar cálido, um lugar confortável, e aconchegante.” Simultaneamente, o mesmo reitera sobre este espaço e fala que na Comunidade se alguém tropeça terá um outro a segurar-lhe e outros não ridicularizarão. Nesta premissa, imagina-se que os membros de uma comunidade estão sempre a auxiliar-se uns aos outros.

No Castainho, já tínhamos vivenciado vários encontros em grupos, ou individualmente e nesse percurso planejamos, de uma maneira mais específica, com ampliação da análise através dos relatos de memória com a oralidade numa relação intrínseca com a história, na perspectiva de compreender por alguns de seus membros como as identidades culturais também tem vivenciado implicações, novos impactos com diferenças de interpretações que os mesmos atribuem ao ser negro contemporaneamente.

Assim, no percurso de Castainho percebemos nas relações étnico-raciais, vivenciadas na construção de identidades na cultura, sem perdermos de vista que mudanças nas qualidades objetivas tem sua atuação no espaço, assim como no tempo se tecem nas lutas sociais, incluindo neste caso o reflexo de ações de movimentos como o Movimento Negro³ que inicialmente nos anos 80 do século passado trouxe maior dinamismo às lutas e reivindicações à existência comunitária, assim como recentemente a relação com a Conferência Nacional Quilombola –CONAQ.

O conhecimento foi sendo produzido com os sujeitos participantes da pesquisa, nesse ambiente relacional que se mantém em luta. Contudo, dialeticamente, buscamos numa abordagem qualitativa acompanhar os seus atores crianças, adolescentes e velhos na emersão

³ O Movimento Negro no Brasil nos anos 70 tomou maior força com grandes reivindicações nas décadas seguintes.

de memórias, de oralidades que se processam na escuta e registro com a possibilidade de percebermos as aspirações, os desejos, numa atitude de escuta em que manifestam ser valorizados, lembrados, respeitados como cidadãos num processo de humanização. De tal forma que os preconceitos, as discriminações, os racismos⁴ sejam combatidos com políticas públicas que possam atingir as diferentes dimensões da vida no Castainho.

Procuramos articular de maneira mais panorâmica as vivências de diferentes instituições existentes como escola, igreja, espaço de recreação, em que pudéssemos obter diferentes significados atribuídos a esses “lugares” sem desvincular-se de sua relação étnico racial, uma vez que ao se atribuir importância nesse diálogo pudessem produzir novos sentidos nas relações étnico-raciais, entre os seus membros e demais grupos sociais.

Com a existência de duas escolas os mais velhos falam que se omitem de maneira exagerada as tradições africanas e afro-brasileiras nesse espaço, no privilégio de tradições européias, em detrimento e negação das tradições anteriores, embora já tenham sinalizado outras manifestações culturais com os Festivais de Inverno em Garanhuns, por outro lado a Comunidade tem preservado a Festa da Mãe Preta no mês de maio, há mais de dez anos.

Constatamos assim os equívocos processados nestas trajetórias ao deixarem de contribuir para a auto-estima de crianças negras, desde o processo de alfabetização em que Pulsell-Guetes (In:CAVALLEIRO, 2002, p. 17), traz na afirmação da teoria vigotskyana que o desenvolvimento cognitivo se relaciona com a vida, com o ambiente social, cultural, histórico, assim como o de natureza interpessoal ao qual fomos buscar no entendimento que outras proposições e programas de políticas urgem sua efetivação no espaço escolar.

A história dos prédios escolares já existentes na área do Castainho e Estivas (antes Castainho)⁵ é muito importante para o entendimento de implicações trazidas à identidade de afro-brasileiros. O primeiro prédio construído no ano de 1973 foi edificado numa fazenda próxima sem que houvesse qualquer consulta àquela comunidade. Houve reação dos habitantes do Castainho por aproximadamente doze anos. Com a ausência de solução resolveu a comunidade com a organização dos pais fazer com que a escola pudesse ser situada na pequena Capela- segundo prédio –existente naquele espaço que se constitui um simples salão, sem espaço confortável, com dificuldades de saneamento por completo.

⁴ São diferentes os conceitos tratados. Para Henrique Cunha Jr.,Preconceito se constitui em pressuposto sobre o outro , como prática individual ou coletiva que apesar de não ser desejável, necessariamente não é excludente.Discriminação é exclusão com base no preconceito, contudo não é um ato sistemático e organizado. Racismo é ato sistemático, também é organizado , chega a permear diferentes instituições sociais e tem como critério a exclusão sobre raça , origem étnica ou mesmo credo religioso.

⁵ Estivas há décadas anteriores em parte era reconhecida como Castainho. Há uma relação de parentesco forte entre os membros dessa população.

Muitas ainda foram as reivindicações para a existência de um terceiro prédio que seria inaugurada em 2003, de forma a constar apenas uma sala de aula, embora já existisse um pequeno prédio em condições apazíveis para o funcionamento escolar mínimo, de forma que recentemente contam com uma nova construção com ampliação para o Ensino Fundamental que gradativamente alcança o 6º ano no momento.

Enquanto observa-se a presença sinalizadora da Igreja Católica na área central do Castainho, as crianças ao serem investigadas sobre a presença nas orações diárias, revelavam que muitas não rezavam, outras manifestam terem aprendido essas manifestações cristãs.

Na continuidade investigativa, a perspectiva comunitária se faz numa direção a superar ações individualizadas quando compreendemos a expressão advinda de seus membros mais velhos como: “Este é o melhor lugar do mundo para se viver”, em que foi recorrente à oralidade, não somente a Castainho e, sim, por outros momentos também escutamos por outros membros de Comunidades da Região, a exemplo a Comunidade Imbé, no Município de Capoeiras (PE).⁶

Nesta perspectiva, percebe-se que Castainho traz na coletividade uma riqueza sócio-cultural com lutas visíveis e/ou silenciosas reveladas ao longo da história nessa área do Agreste de Pernambuco. Os problemas ligados à terra, assim como melhorias sociais na educação, saúde, energia elétrica, telefone, novas tecnologias, modernização da casa de farinha, já foram conquistas realizadas que implicaram posicionamentos de seus habitantes no fortalecimento de direitos políticos e sociais, principalmente a partir da década de 90 do século passado até o Reconhecimento de Posse que se tornou oficial pela União.

Castainho, situa-se num espaço cultural distante sete quilômetros da Sede de Garanhuns, cuja população é de 728 pessoas distribuídas numa área de 183 hectares. Sua população tem como base econômica a agricultura com cultivo da mandioca, legumes e seus derivados, como farinha goma massa e beiju, na comercialização do mercado local e municípios próximos. Por sua cultura necessita que a pesquisa e sua difusão sejam realizadas.

2.A necessidade da escuta sensível

No estudo, com o olhar na especificidade das lembranças, da memória com a oralidade tivemos repercussão das relações étnico-raciais a fim de compreender esse espaço de formação das identidades que nos vêm revelar continuidades, impactos., ao reafirmarmos que

⁶ Imbé , Comunidade negra situada em Capoeiras(PE),em 1993 revelou à autora por um dos seus membros que tem relação de” primo” com Castainho.

somos “também seres de memória, de cultura e de história” (TEIXEIRA & PRAXEDES, In: VISCARDI&DELGADO, 2006, p. 156).

A escolha de entrevistas mais abertas como procedimento metodológico iniciou-se com a percepção do ser negro nos tempos atuais, no alcance das relações étnicas enfocadas neste recorte com crianças e adultos também, cujas respostas foram a presença de silêncios, falas reticentes e frases como “Eu não sei dizer nada do que a senhora perguntou, não sei não lembro de nada “– **depoente de 78 anos**.

Passamos a reconhecer com o uso desse procedimento que a entrevista é como uma pausa que ao mesmo tempo movimenta, move as lembranças reinventando a vida... é o repouso que também vigia.” (In: ISCARDI & DELGADO, 2006, p. 165). Haja vista nessa trajetória metodológica os entrevistados convidados à palavra foram rompendo com o silêncio nesse movimento em que a palavra se constitui, também, a fazer a vida, de forma que uma das **depoentes de 78 anos**, após sessenta dias do primeiro contato conosco veio a dizer:

Nesse movimento com a etnicidade se faz importante lembrar dos grupos, das pessoas com suas identidades negadas, tantas vezes impactuadas, portanto reinventadas, reconstituídas. Nessa tessitura, na fala da depoente há uma ausência do reconhecimento do outro por aqueles que assim externavam de maneira que ao lembrar a afrodescendente expressava corporalmente com o erguer da face, olhar firme, cética ao mesmo tempo no primeiro contato conosco. No entanto, com o diálogo ali se expressavam palavras que teciam dilemas da vida, rejeições sociais, étnicas, éticas, historicamente construídas no racismo, que ora se revelara na atitude daqueles que os excluía, como se Castanho fosse algo não aprovado.

Ao observar de maneira atenta o próximo depoente, na escuta e quem sabe nas reelaborações de sentimento, ao conversar com um dos seus líderes com **58 anos de idade** (2005) no Brasil ouvimos sobre a visão dele com o ser negro hoje

Mudou muito, não tenho motivo pra ter vergonha de ser negro. Se fosse ruim ou feio as pessoas não vinham aqui para ver-me, se vem aqui é por que nós temos valor não é mesmo, olha a vida do negro não é fácil, nós temos que correr atrás se não é pior, quão não sabe anos atrás foi pior. Eh! Foi muita peleja mas nós nunca nos entregamos, estamos aqui até hoje..

Nesse final, os resultados com a História Oral são compreendidos, uma vez dito por Praxedes e Teixeira (2006) que se constituem um dos princípios teóricos-metodológicos que fundamentam e sustentam a pesquisa nos fenômenos de natureza humana e social, dentro da abordagem qualitativa.

Vamos entender na memória do novo depoente, o quanto tenta revelar através da memória sua expressão: “Foi muita peleja “, ao mesmo tempo que se refere à família, aos grupos e ainda faz parte de um Grupo maior, de forma a expressar ainda suas idiossincrasias tão peculiares (DIEHL, 2002), no entanto essa falas são diferentes no seu teor.

Buscávamos ouvir como pensava uma criança de **09 anos** como considerava seu pai, sua mãe, o que gostava de fazer, sentia-se afrodescendente ou não e por lá estava falando de maneira tranqüila ao dizer

Minha mãe é negra, é alta, tem cabelos pretos, curtos, trabalha na roça, no sítio e é doméstica também. O meu pai é negro olhos pretos, gosta de dança afro, toca instrumentos e até já me ensinou. Sou afrodescendente pois nasci aqui, gosto da escola do Castainho quando vou a escola falam dos Palmares, e é assim aqui todo mundo tem lugar para trabalhar só algum poucos para outros lugares...

Vejamos o quanto já são importantes a uma criança, trazer à tona essa sua vida cotidiana, com uma identidade, se diz afrodescendente, e traz o tecido de sua cultura nesse argumento, sem deixar de mostrar que poucos , mas alguns vão embora, apesar de já ouvirmos dos que vão também voltam a sua Comunidade. Fomos a uma outra criança de **12 anos** que ao falarmos sobre o seu pai, ela diz,

Meu pai é negro, gosta de brincar, de fumar... quando falam da cultura africana até na escola eu conheço a dança afrobrasileira, a cultura negra e vai por aí...Se sou afrodescendente. Sou , com muito orgulho, gosto mais daqui do que de qualquer outro lugar, os negros aqui, são muito unidos, eu acho mais do que na cidade grande (morou alguns meses na cidade do Olinda-PE).

Ao percebermos tal depoimento face à espontaneidade que a criança traz faz ao pesquisador compreender que na pesquisa o mais importante não é a quantidade de pesquisados e sim a qualidade daquilo que está sendo investigado .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comunidade Castainho em Garanhuns, está na atualidade situada entre as cento e vinte Comunidades de afrodescendentes estimadas em Pernambuco, de modo que tem se constituído nosso foco de estudo ao buscamos entre histórias e memórias compreender o que pensam os sujeitos envolvidos no seu universo cultural, nas suas identidades .

Ao pensarmos com memórias, identidades, com experiências ancoradas temos o entendimento que todos os seres humanos são seres de cultura e com eles buscamos compreender suas histórias que até mesmo na infância e adolescência já se constituem possibilidades de aprendizagens, de utopias, também, assim como vão construindo funções

com a formação que começa no seu lugar, nas identidades culturais, percebidas no seu espaço étnico, histórico.

Os resultados na pesquisa sugerem que outros olhares sejam direcionados aos quilombolas, considerando as suas histórias, sem perder de vista o papel jurídico do quilombola, face ao papel constitucional, oficial, público. Contudo, as práticas sociais e culturais se apresentam com emergentes necessidades, pois não se concebe serem apenas os seus membros a reivindicar aquilo que na Lei já está assegurado no campo do direito. Esta tarefa pertence a todos os que se autodenominam de cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2003.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Brasília/DF.
- CAVALCANTI, Alfredo Leite. **História de Garanhuns**. FIAM/PE. 1968
- CAVALLERO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola . São Paulo: Selo Negro, 2001.
- D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismo e anti-racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- DIAS, João de Deus Oliveira. **A terra de Garanhuns**. Garanhuns: PE: Jornal Monitor, 1954.
- DIEHL, Antonio Carlos. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. São Paulo: EDUSC.
- FREITAS, Décio. **Guerra dos Palmares**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- GOMES, Flávio. Sonhando com a terra, construindo a cidadania. In: PINSK, Jaime;
- BASSANEZI, Carla . **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.
- LOPES, Ademil. **Escola, socialização e cidadania: um estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos**.
- MONTEIRO, Anita Queiroz. **Castainho: um bairro rural de negros**. Recife: Masangana, 1985
- MOURA, Clóvis. **Os quilombos**. São Paulo: Ática, 1998.
- MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, etnicidade e cidadania**. Primeiro seminário do segundo congresso: negro e educação. São Paulo, 2003.
- NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. São Paulo: Ática, 1980.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PRAXEDES, Vanda Lúcia. NEVES. História oral e educação: tecendo vínculos e possibilidades pedagógicas. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves Delgado; VISCARDI, Cláudia M. R. (Orgs.). **História Oral: teoria, educação e sociedade**. Juíz de Fora: Editora da UFJF, 2006.